

PEÇA TEATRAL DE LUCRÉCIA PACO

“Epílogo do Ventre” ou diálogo sobre o aborto

AS consequências de um aborto feito por uma jovem, sob pretexto de falta de condições para sustentar o bebé, são retratadas numa peça de teatro intitulada “Epílogo do Ventre”.

Encenada pela atriz Lucrécia Paco, a história foi apresentada recentemente no Centro Cultural Franco-Moçambicano e começa nas gretadas ruas de um bairro periférico e de lata, numa cidade



desconhecida.

O cenário é composto por sacos plásticos colocados nos pilares e na parte traseira do palco. No meio três pneus sobrepostos e com uma tampa de sanita por cima completam a decoração.

A atriz Julieta Lopes representa a personagem da jovem que faz o aborto. Três mulheres cruzam-se no meio do caminho, na alvorada de um novo dia, debaixo da cacimba, representada pelo oxigénio que dá a ideia de nevoeiro.

As mulheres questionam-se a respeito da dona do vestido manchado de sangue e abandonado algures no chão. E ninguém dá a resposta. Como que para esclarecer a plateia que lotava a sala do “Franco-Moçambicano”, fala-se da noite anterior, que é o dia em que se fez o aborto.

As emoções e debates da consciência de quem tira a vida de um outro ser são performados no monólogo poético da jovem. Este detalhe evidencia a veia poética de Lucrécia Paco. A trilha sonora foi conduzida por Matchume Zango, membro da orquestra de música tradicional Timbila Muzimba, colocando um estilo de música minuciosamente seleccionado para traduzir as emoções e sentimentos da jovem autora do aborto. O enredo, dominado pelo monólogo da personagem, é entremeadado por uma “grande confusão”, pois, a dado passo, pensa-se que a jovem teve um parto normal, mas, mais tarde, percebe-se que ela continua a contorcer-se de dores resultantes do aborto.

Enquanto ela discute consigo mesma, Domingos Bié emerge no palco, na qualidade de feto. A música de Matchume Zango orienta os seus movimentos de dança contemporânea. Enquanto isso, ouve-se o discurso da moça, que optou pelo aborto para não ter o bebé. E a razão de não deixar o novo ser vir ao mundo é simples: “Por que deixá-lo nascer para sofrer como um menino da rua?”, questiona-se ela.

Quando os instrumentos metálicos da médica, trazidos pelo monólogo da personagem, perfuram as suas entranhas para atingir o

ventre e destruir o feto, o ser que lá evolui encara esses artefactos como inimigos e os vai fintando. Afinal, o seu desejo é nascer e ter um nome. Algo que a mãe não aceita. O feto apela, lembrando-a que é parte dela, mas, mesmo assim, é rejeitado.

O jogo de luz contribui para a boa percepção da história e torna-se parte integrante do enredo. É como se de outro personagem se tratasse. A peça evolui nessa conversa entre a jovem e o seu feto. E é neste dilema que as luzes do palco se apagam e... se acendem as luzes da plateia e de toda a sala.

REFLECTIR SOBRE O ABORTO

A atriz e encenadora Lucrécia Paco explicou que a maior dificuldade que teve neste trabalho foi construir o diálogo entre a mãe e o feto através de monólogos.

Com esta peça pretende provocar uma reflexão em torno do aborto, sem se posicionar para qualquer dos lados. Até porque muita gente a perguntou se era ou não a seu favor: “Não quero dizer se sou a favor ou contra, apenas provocar debate. Isto é algo que deve ser pensado por todos, é uma reflexão colectiva”, esclareceu. O mote para a criação da peça foram as matérias que acompanha através da *media* sobre o abandono de recém-nascidos em contentores de lixo. “Isso é um horror”, diz. Recorda que foi na mesma altura que, se debatia a legalização, ou não, do aborto. “Este tema mexeu muito com a minha emoção e serviu de inspiração para eu fazer ‘Epílogo do Ventre’. Acredito também que este assunto toca no seio de qualquer um de nós”, anota.

Por sua vez, Julieta Lopes diz que o maior desafio é retratar no palco um assunto que toca com muitas mulheres e a sociedade, de um modo geral, mas que ninguém tem coragem de falar abertamente sobre ele.

A sua pretensão é chamar a atenção da sociedade, sobretudo das adolescentes, para evitarem gravidezes indesejadas pelos riscos e consequências que delas resultam, incluindo os abortos.